

Editora Kelps

Rua 19 nº 100 - St. Marechal Rondon
CEP 74.560-460 - Goiânia-GO
Fone: (62) 3211-1616
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

Comissão Técnica

Tatiana Lima
Projeto gráfico

Victor Hugo de Santana Agapito
Coordenador da obra

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte
Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1ª Região) 3294

E19

Ecos de Eva vozes da Isegoria./ Márcia Santana Soares, Maria
Emília Carvalho de Araújo Vieira (org.). – Goiânia: Kelps, 2021.

272p. : il.

ISBN: 978-65-5859-161-0

1. Diversidade. 2. Narrativas. 3. Direitos Humanos. I. Título.

CDU: 342.7

Índice para catálogo sistemático
CDU: CDU: 342.7

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito das organizadoras. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Victor Hugo de Santana Agapito..... 7

PREFÁCIO

Profa. Dra. Lucia Rincon 11

1 A OUTRA FACE DO ASSÉDIO DE EVA: SOBRE O TRABALHO FEMININO E OS DESAFIOS DO INÍCIO DA CARREIRA LABORAL DAS ESTAGIÁRIAS

Ana Maria Carvalho de Araujo / Maria Emília Carvalho de Araujo Vieira.. 19

2 NARRATIVAS FILMICAS, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E DIREITO: BRANCA DE NEVE *VERSUS* MERIDA, AS PRINCESAS DA DISNEY E O PAPEL DAS MULHERES NO DIREITO CIVIL BRASILEIRO

Maryanna Martins Rodrigues Nunes / Margareth Pereira Arbués 52

3 A PERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE UM CORPO TRANS CRUCIFICADO

Márcia Santana Soares / Thiago Fernando Sant'Anna..... 82

4 O *PINK MONEY* E A IDENTIDADE LGBT:

ENTRE A POSSIBILIDADE DE RECONHECIMENTO E AS EXCLUSÕES

Diogo Gonçalves Alvares..... 94

5 O IMPACTO DA CRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO NA SAÚDE PÚBLICA BRASILEIRA

Jordana Borges Souza / Cassira Lourdes de Alcântara Dias Ramos Jubé 109

6 TRÁFICO TRANSNACIONAL DE MULHERES E CRIANÇAS
PARA EXPLORAÇÃO SEXUAL À LUZ DO PROTOCOLO DE
PALERMO: UMA VISÃO DO DIREITO INTERNACIONAL DOS
DIREITOS HUMANOS

Nayara de Paula Gomes / Edith Costa Antunes Machado Giolo..... 135

7 O LUGAR DAS DIVERSIDADES NA BASE NACIONAL
COMUM CURRICULAR – BNCC

Vitor Savio de Araújo..... 177

8 A RELAÇÃO DA MIGRAÇÃO DA MULHER PARA
APERFEIÇOAMENTO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR VISANDO
A CONQUISTA DE ESPAÇO SOCIAL

Geruza Tomás da Cunha..... 204

9 LITERATURA ESCRITA POR MULHERES NO MODERNISMO
BRASILEIRO: CORA, RACHEL, CECÍLIA E CLARICE

Renato de Oliveira Dering / Pauliany Carla Martins..... 216

10 AS ICONOGRAFIAS DA MULHER NEGRA: DO CONTO A
TEMPESTADE DE SHAKESPEARE À MÍDIA BRASILEIRA

Ludimila Stival Cardoso Marcela Pereira Geraldino234

11 DIREITOS DA MULHER - ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO CIVIL
E CONSTITUCIONAL BRASILEIRA E DAS ESTRATÉGIAS
POLÍTICAS DE SUPERAÇÃO DAS DESIGUALDADES

Ana Paula Tereza Agapito / Igor Gabriel Reis de Oliveira /

Victor Hugo de Santana Agapito..... 258

APRESENTAÇÃO

Victor Hugo de Santana Agapito¹

O processo secular de desenvolvimento das sociedades ocidentais como são concebidas hoje se embasou no Cristianismo e é sobre ele que continuam a se manter: apesar de a história ter atravessado o século das luzes, a concessão de uma racionalidade cartesiana e a ciência se tornar detentora de grande parte do capital intelectual da população, ainda há uma presença muito forte de simbolismos, preceitos e princípios no imaginário coletivo que remetem diretamente a alegorias e axiomas advindos das tradições judaico-cristãs primitivas. Tais preceitos vão muito além do mero discurso teológico: estes estão intrínsecos nos costumes e regulam a dinâmica social, estipulam papéis a serem desempenhados por esses atores, dividem castas, consolidam diferenças e blindam comportamentos às vezes nocivos através de uma valoração subjetiva posta como incontestável e imaculada.

Nesse contexto, um ponto que muito chama a atenção à influência desses dogmas é o que tange às relações de gênero, hierarquia sexual e o lugar social ocupado pela mulher: a imagem feminina veiculada pelo Cristianismo usualmente acabou por se tornar um fator decisivo nos modelos de auto representação e determinação de sua identidade que vão muito além da construção social, dando à religião e à religiosidade um papel importante, onde “existe uma grelha que tende a fixar imagens protótipas [...] que balizam a sua visão das mulheres e lhes são apresentados como ideais dos quais elas devem se aproximar”²

Dessa maneira, um dos paradigmas identificados dentro dessa egrégora axiológica é o de Eva, relacionada diretamente ao conceito de “pecado original”, a desobediência à autoridade suprema de Deus e à condenação eterna da humanidade à busca de redenção, Eva é a primei-

¹ Mestrando em Direito Agrário da Universidade Federal de Goiás (PPGDA/UFG). Pós-graduando em Direito do Trabalho e Processual do Trabalho pelo Centro Universitário de Goiás - Uni Anhanguera Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de Goiás UNIGOIÁS. Advogado. E-mail: victorklavier@hotmail.com

² TOLDY, Teresa Martinho (1998), Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista, Lisboa: Ed. Paulinas. p. 17.

ra mulher, mãe de todas as outras, a representação genuína do feminino na mitologia cristã. Apesar de haver ainda a figura de Maria, outra representação feminina de suma importância no imaginário cristão, que remete ao imaculado, ao puro, e ao sagrado, é de Eva que vêm todos os valores sociais de inferioridade, negligência, ignorância, inocência, dentre outros que por séculos e até os dias de hoje ainda perduram nas entrelinhas do nosso cotidiano.

Acontece que, para além desses estigmas, Eva também simboliza a transgressão, a curiosidade, a capacidade libertadora do feminino frente à figura máxima de poder. Eva, ao se posicionar em oposição ao vigente, simbolicamente se desprende das amarras que a prendiam na submissão absoluta às vontades alheias e se coloca como dona dos seus próprios caminhos. Deixa de ser uma figura criada meramente para fazer companhia ao ente masculino no Éden e passa ela mesma a ter as rédeas do seu destino. É muito claro no diálogo entre Eva e a Serpente a astúcia da criatura e sua proposta: “abrir-se-ão os vossos olhos”, o que, de fato se consuma. E acrescenta-se mais, pois a mulher percebe que na verdade o fruto “é precioso para esclarecer a inteligência” (Gênesis. 3:6), e esse se torna um dos motivos para se ir adiante na consumação do pecado. Eva então, não só reivindica sua autonomia, como também toma para si a responsabilidade dela. Emancipa-se frente aos poderes que a subjugam e torna-se ela mesma um símbolo de autonomia e poder. Em decorrência disso toda uma trama se desenvolve abrindo margem a interpretações múltiplas ligadas diretamente a pontos de vista e valores subjetivos: uma metáfora precisa da multiplicidade de julgamentos e estigmas aos quais a mulher independente ainda hoje está sujeita.

E sob essas múltiplas perspectivas que se busca pelos “Ecos de Eva”. Os ecos dessas mulheres que são jogadas à condição de subalternidade, vítimas de violências estruturais cristalizadas e que dia após dia são veladamente desfavorecidas na sua própria humanidade, mas que ao mesmo tempo se mostram verdadeiros baluartes da resistência e da luta diária pela vida e pelo seu direito de existir enquanto sujeitos. E acreditando no Direito através das suas diversas faces como uma ferramenta

eficaz de problematização e resolução dos mais complexos dilemas sociais, tendo em mente que a Constituição Federal de 1988, ainda que em termos pouco efetivos, garante a igualdade plena e desfrutável de direitos a todos os seus indivíduos independentemente de sexo e gênero, e que essa dita existência é um direito humano fundamental, de encontro ao fato de o Brasil colecionar números e mais números de casos de feminicídio e toda sorte de violência contra mulheres; e estar no centro da discussão sobre o tema, se pergunta:

Onde se encontram tantas Eva's nos dias de hoje?

Quais os papéis que essas mulheres desempenham?

A quem se subordinam e contra quem insurgem?

Qual a dimensão da sua luta?

As diversas respostas aqui pretendidas não têm teor resolutivo, mas pretendem, ainda que minimamente face à dimensão da problemática ao qual este volume se propõe a contribuir, trazer novos ares sobre o assunto, manter viva a discussão, e por fim, talvez o mais importante: não deixar que essas vozes sejam de maneira alguma silenciadas.

PREFÁCIO

Profa. Dra. Lucia Rincon¹

Direito à fala!!!

Nós, mulheres, bem sabemos que busca é essa.

A criação de signos e significados, base da comunicação, que foi fundamental no processo de hominização e de humanização dos seres humanos, torna-se alicerce imprescindível na construção e consolidação da mensagem que passa a constituir-se como parte da estrutura de poder e de controle ideológico em uma sociedade.

Talvez hoje, quando ainda continuam tentando nos negar o direito à fala, devêssemos propugnar, também, o direito à escuta!

Seja na Ágora ou na cozinha do espaço privado e doméstico, o direito à fala e à escuta têm sua história de legitimação vinculada às estruturas de poder, articulados com a construção de todo um universo simbólico patriarcal na dominação de gênero/raça-etnia e de classes. A diferença de sexo nos marca a todas profundamente com uma construção social que hierarquiza e subordina a partir da natural diferença de nossos corpos.

Fundamental para a superação da desigualdade, o direito à fala é, ainda, decisivo no resgate da frágil e incompleta democracia que a humanidade vem construindo desde a antiguidade. Democracia sob a égide da já velha burguesia, sustentada na exploração de classes/gênero/raça-etnia, que transforma tudo em mercadoria amalgamada pela poderosa ideologia que fundamenta suas teorias, religiosidades, valores e crenças.

Ao discutir o direito à fala inserido no universo de uma voz de mulher que ecoa através dos tempos, este livro, que agora está em suas mãos, é uma importante contribuição à compreensão e ao debate desta temática e se insere no grito permanente, fêmeo e de todos os diferentes corpos sexualizados, por reconhecimento, por direito à obtenção de

¹ Profa. do PPGE /PUC Goiás, Feminista militante da União Brasileira de Mulheres

LITERATURA ESCRITA POR MULHERES NO MODERNISMO BRASILEIRO: CORA, RACHEL, CECÍLIA E CLARICE

Renato de Oliveira Dering¹
Pauliany Carla Martins²

INTRODUÇÃO

O modernismo, brevemente conceituando, foi um movimento artístico-literário ocorrido em diversas partes no mundo, tendo no Brasil o seu início marcado nos primeiros anos do século XX. O marco foi a Semana de Arte Moderna, de 1922, ocorrida no Teatro Municipal da cidade de São Paulo; e seu fim se deu na década de 1960, com os considerados da “Geração de 45” ou “pós-modernistas”.

O contexto que propiciou a efervescência do movimento, envolve desde posicionamentos políticos até questões de organização socio-cultural do mundo, que, neste espaço-tempo, estava em meio ao final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), início e fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), bem como as tensões ocasionadas pela primeira parte da Guerra Fria (1947-1991).

Todo esse envolvimento, ainda trazia novas e diferentes configurações para uma sociedade que, até 1822, ainda era colônia de Portugal e, até 1888, mantinha uma cultura escravocrata. Logo, quando pensamos em mulheres que ganharam destaque na história oficial do Brasil, poucos nomes surgem, destacando-se inicialmente, neste contexto apresentado: Anita Garibaldi (1821-1849) e Maria Tomásia Figueira Lima (1826-

¹ Professor Assistente no Centro Universitário de Goiás - UNIGOIÁS. Doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Líder pesquisador do grupo FORPROL/CNPq/UFVJM. E-mail: professordering@gmail.com. Orcid: 0000-0002-0776-3436. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7891833942208165>

² Doutoranda e Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás (UFG), atualmente é bolsista pelo CNPq. E-mail: martinspauliany@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3100699955630822>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1223-4958>.

1902), revolucionárias; e Chiquinha Gonzaga (1847-1935) e Tarsila do Amaral (1886-1973), artistas.

Este período, portanto, foi um momento em que as concepções arbitrárias e arcaicas de sociedade estavam em voga. Logo, era preciso uma reflexão mais fecunda acerca dos papéis sociais que regiam o mundo naquele momento e, sem dúvida, um desses papéis era a concepção em si da mulher e sua inserção na sociedade patriarcal e de cunho machista³, que hoje ainda deixa seus resquícios.

Nas artes, principalmente na literatura, a visão preconceituosa da sociedade infelizmente fez parte durante o modernismo brasileiro e, diante desse contexto, a omissão/exclusão das mulheres e projeção de uma perspectiva pejorativa sobre elas e seu trabalho incidiram de maneira negativa na época e trouxe desdobramentos posteriores. Deste modo, o que se percebe é que houve uma subvalorização da mulher enquanto artista e escritora. Voltando a refletir a importância da mulher no modernismo, o presente estudo buscou mostrar a importância de 4 mulheres da História do Modernismo Literário Brasileiro: Cora Coralina (1889-1985), Rachel de Queiroz (1902-2003), Cecília Meireles (1901-1964) e Clarice Lispector (1920-1977); e como elas ainda estão em segundo plano quando se fala em literatura no Brasil.

1. MODERNISMO ENQUANTO MOVIMENTO LITERÁRIO

Ao pesquisar sobre as gerações do movimento modernista brasileiro, muitos nomes que se lançaram como vanguardas tornaram-se grandes clássicos da literatura nacional. Descobre-se, nesse contexto, nomes como os de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Vinícius de Moraes e outros. Nessa busca, contudo, alguns nomes aparecem em sua cor mais translúcida, quase invisível nos manuais e nos compêndios de história da literatura, esses são, principalmente, os nomes das escri-

³ Atribui-se o termo aqui para facilitar a compreensão da estrutura social da época. Contudo, o termo começou a ser difundido com maior ênfase após movimentos feministas na segunda metade do século XX.

toras que fizeram parte desse importante período. Não que a lista seja irrisória, mas centenas de anos pautados no machismo e no patriarcado brasileiros foram suficientes para diminuir e até mesmo apagar os nomes dessas escritoras. A exemplo disso, temos Patrícia Galvão, Cecília Meireles, Raquel de Queiroz, Clarice Lispector, Leodegária de Jesus, Cora Coralina, Carolina de Jesus, Lygia Fagundes Telles, Adélia Prado, Hilda Hilst, Ana Cristina César, Nélida Piñon e tantas outras.

Para este artigo, optamos por tratar daquelas que receberam algum destaque, não com o intuito de apagar ainda mais as outras escritoras, mas para mostrar que, mesmo com certa luz dada, elas foram – e de certa forma são – estigmatizadas e subvalorizadas, *a priori*, por serem mulheres; *a posteriori*, por consequência de sua condição. Diante desse cenário, que historicamente subvaloriza e apaga a presença das mulheres da literatura, é necessário pensar antes sobre a noção de gênero e discutir como essa noção interfere nesse processo de apagamento.

Em seu texto “Autor+a”, Norma Telles aponta para as consequências advindas das nomenclaturas que dizem respeito às escritoras que escrevem literatura e chama a atenção para o fato de que, por exemplo, “poeta, afirma o dicionário, deriva do grego: ‘aquele que faz poesia’; poetisa, na mesma fonte, é mulher que faz poesia, algo menor, até pejorativo” (1992, p.45) – nome, aliás, renegado por Cecília Meireles. Do mesmo modo, vocábulos como “autora” e “escritora”, marcados pela desinência feminina do “-a” foram historicamente tratados como função menor. A questão é que “a referência profunda à figura da autora foi deformada por muitos fatores, silêncios e interrupções da memória coletiva” (TELLES, 1992, p. 45). Nesse sentido, observa-se que o preconceito em torno do gênero feminino é um fator crucial no apagamento das escritoras e de suas obras. Segundo Norma Telles:

Gênero é uma categoria, um modo de fazer distinções entre pessoas; uma construção cultural que classifica com base em traços sexuais, expandindo-se por cruzamentos de representações e linguagens. Como classe e raça, tem dimensões externas e internas: a classificação ou rotulagem é vista e lida pelos outros, assim como pelo eu, e as semelhanças são interpretadas como interesses partilhados, foi assim que também

na sociedade ocidental moderna, o gênero codificou as diferenças entre um reconhecido patrimônio cultural masculino e uma correlativa e suposta penúria feminina (ou asiática, ou “primitiva”, ou sul-americana). Gênero pode ou não importar para mim e para os outros; em nosso meio sociocultural, importa sempre. (TELLES, 1992, p.50)

A questão do gênero na literatura foi responsável, portanto, pela consolidação de uma visão aos moldes patriarcais de que a escrita de mulheres é de menor valor que os escritos feitos pelos homens. Não é de se estranhar, por exemplo, que muitos estudantes brasileiros concluem o Ensino Médio sem conhecer Cora Coralina ou Raquel de Queiroz. Vítima dessa história de apagamentos, a escritora goiana Cora Coralina foi uma das grandes poetisas que sofreram com o silenciamento e a indiferença destinada às autoras.

2.CORA CORALINA

Cora Coralina nasceu na Cidade de Goiás, uma cidadezinha tradicional e primeira capital do estado de Goiás. Cora foi uma mulher destemida, pois enfrentou inúmeros preconceitos de sua época para poder escrever seus versos. Ser escritor na região centro-oeste do país é, por si só, um grande desafio, tendo em vista que o mercado editorial brasileiro sempre deu mais ênfase para aqueles que escrevem dentro do eixo Rio-São Paulo. Ser escritora, então, é trilhar um verdadeiro caminho de pedras e espinhos. Soma-se a isso, outras dificuldades que emanam da cultura da própria região. Apesar de sempre ter escrito poemas, Cora Coralina foi impedida pelo marido de publicá-los. Por esse motivo, seu primeiro livro foi lançado ao público quando a autora já tinha os seus quase 80 anos e, enquanto isso, “apenas” vivia sua vida como doceira renomada da Cidade de Goiás.

À frente de seu tempo, Cora foi uma mulher que não recebeu uma educação formal como receberam as outras escritoras que aqui serão apresentadas. De origem simples, encontrou, no verso livre, a liberdade necessária para retratar o cotidiano de sua terra natal e, principalmente, dos marginalizados. Em seus poemas, constantemente, são

retratados os “invisíveis” da cidade: pobres, bêbados e prostitutas. É o que se lê no poema “Mulher da Vida”, em que o eu-lírico, ainda que distanciado da vida marginalizada, sente-se próximo dessa “mulher da vida” e com ela se identifica num exercício de sensibilidade e alteridade. Cora, em seus escritos, diz:

Mulher da Vida

Mulher da Vida,
Minha irmã.
De todos os tempos.
De todos os povos.
De todas as latitudes.
Ela vem do fundo imemorial das idades
e carrega a carga pesada
dos mais torpes sinônimos,
apelidos e ápodos:
Mulher da zona,
Mulher da rua,
Mulher perdida,
Mulher à toa.
Mulher da vida,
Minha irmã. [...]
(CORALINA, 1983)

Por se aliar a essas figuras marginais de sua cidade, e também por algumas questões de ordem pessoal, Cora sofreu árduos empecilhos para ser escritora, sendo sua história de vida um exemplo da educação tradicional e do estigma que eram dados às mulheres na época. A respeito dessa ideia que se constrói do que é ser mulher, Norma Telles afirma que:

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formula no século XVIII e se impõe na sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem – o anjo do lar. Mas ela é também

potência do mal, quando sai da esfera privada ou “usurpa” atividades que não lhe são culturalmente atribuídas. Torna-se então um monstro: bruxa, malvada, devoradora, decaída, ou tudo isso ao mesmo tempo. Esse discurso, que naturalizou o feminino, colocou-o além e aquém da cultura. Seguindo esse rastro, a tradição estética definiu o dom da criação artística como essencialmente masculino. (TELLES, 1992, p. 50)

Cora Coralina não se conformou com a ideia de ser apenas um “anjo do lar” e, por não se conformar com o estigma que lhe foi dado, foi taxada de bruxa e malvada em seu tempo e ainda é vista por muitos como poeta menor, inclusive dentro do próprio estado de Goiás. Ao tomar o dom da criação artística para si, Cora escreveu livremente, sem seguir nenhum rigor formal, o que faz com que sua poesia seja, ainda que isso não tenha sido previsto pela autora, um grito de luta e de revolta contra essa tradição estética que se vê como “essencialmente masculina” e que, esperava das mulheres escritoras, uma submissão pacífica às suas regras do bom escrever. Talvez seja esse critério, por exemplo, que inseriu Cecília Meireles como ícone do lirismo de escrita feminina no Brasil.

Portanto, o que se observa é que Cora Coralina sofreu com a cultura de seu tempo, que cristalizava – na figura da mulher – a subordinação ao homem e a própria desvalorização do ser mulher. Logo, ainda que tenha se destacado, ela não se insere, no primeiro momento, no cânone literário, como fez Drummond, de quem foi amiga.

3. RACHEL DE QUEIROZ

Outro exemplo de escritora que acabou sofrendo certo apagamento na história literária do Brasil é Rachel de Queiroz. Sua história foi marcada por grandes méritos e sua obra tornou-se leitura obrigatória quando se trata dos clássicos brasileiros. Raquel escreveu sua obra prima *O quinze*, aos 19 anos de idade (assim como Mary Shelley ao publicar o *Frankenstein*), e o publicou aos 20 anos em 1930. O livro é hoje um dos exemplares da Geração de 30 do modernismo brasileiro e consta na grande maioria dos livros didáticos destinados aos alunos do Ensino Médio. É importante pontuar, ainda, que:

[...] a inserção de Rachel de Queiroz na literatura brasileira mostrou-se significativa para a postura literária daquele momento, porque suas representações sobre o ser humano, com seus sofrimentos e vitórias na problemática social e, mais ainda, sua construção de mulher, mais delineada pelos aspectos psicológicos e culturais, impulsionou um novo caminho para a produção literária da época, marcando uma nova forma não somente de se fazer literatura, mas também de se ver a mulher e pensá-la na esfera social [...] (SILVA, 2013, p. 19-20)

Contudo, ainda que seja ícone de uma geração importante para o movimento modernista e, no âmbito sócio-político, essencial para a formação e a consolidação de uma identidade nordestina, Raquel de Queiroz acaba ficando restrita a capítulos de livros didáticos, que contam sobre sua obra de forma superficial e resumida, o que não contribui para uma formação de leitores que leve em consideração a igualdade entre os gêneros. Pensando também na formação de leitores que se dá nas escolas de Ensino Médio, vê-se uma preferência, tanto nos livros didáticos quanto nas obras requeridas pelos vestibulares, pelo escritor Graciliano Ramos, quando se trata da Geração de 30.

Nesse sentido, vê-se uma leitura e um estudo muito mais comuns de obras como *Vidas Secas*. Ressalta-se aqui, que o intuito deste trabalho, não é o de menosprezar o escritor Graciliano Ramos, tendo em vista que sua obra é de fato canônica e essencial para a construção da literatura brasileira e, até mesmo, de uma identidade nacional. Questiona-se, então, de que modo a estrutura educacional brasileira, pautada numa educação voltada para o mercado de trabalho e que, por isso, age conforme um modelo quase industrial, inviabiliza a leitura e até mesmo o conhecimento de obras tão importantes quanto as de Raquel de Queiroz.

Diante desse contexto da formação de leitores no Brasil, percebe-se a importância de se disseminar cada vez mais a obra dessa autora. *Quinze* é um livro que trata da seca do nordeste, que ocorreu em 1915, daí o título da obra. O romance narra a saga de uma família de retirantes que caminha a pé em busca de um lugar menos inóspito que o sertão nordestino durante a seca. Junto a Chico Bento, patriarca da família de retirantes, a obra também traz para o centro do romance a personagem Conceição, uma mulher culta que reflete sobre os dilemas da seca enquanto experien-

cia uma história de amor com seu primo Vicente. “Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona.” (QUEIROZ, 1993, p. 10).

Interessante observar que a personagem Conceição representa uma mulher não muito comum para a época: leitora ávida dos clássicos da literatura, professora e solteira aos 22 anos (o que para a época, 1930, já não era o habitual) diz não querer casar-se. Ainda que Raquel de Queiroz tenha afirmado em entrevistas não ser feminista, trazer uma personagem como Conceição é também mostrar que a mulher poderia ter outras aspirações na vida além do casamento e da maternidade – o que já é suficiente para que tanto a personagem quanto a autora se tornassem ícones do feminismo.

Além desses aspectos de sua obra inicial, é essencial chamar a atenção também para a importância dessa obra dentro do projeto modernista brasileiro. Ainda que a primeira geração modernista tenha se preocupado em apresentar o Brasil aos brasileiros, seu alcance foi ainda limitado, uma vez que não atingiu a todas as regiões do país. O próprio Mário de Andrade, um dos principais pensadores do modernismo, afirma em sua obra *Aspectos da Literatura Brasileira* que a primeira geração, embora tenha feito avanços importantes no que diz respeito à disseminação de toda uma cultura propriamente brasileira não conseguiu fazer o que era mais necessário: uma melhora no âmbito político-social aos cidadãos deste país (ANDRADE, 1974)). Nesse quesito, é justamente a Geração de 30 que trará para a literatura os questionamentos necessários para a busca desta melhoria. Por esse motivo, e por tantos outros que poderíamos elencar aqui, é que Raquel de Queiroz deve ser mais lida e mais estudada. Ao traçar de forma realista e sensível a realidade dos sertanejos que sofriam com a fome, a sede e a peregrinação, advindas da seca, a autora mostrou ao resto do país que o Nordeste é uma região que carece de políticas sociais e de um olhar mais atento para garantir aos nordestinos uma vida digna de fato. Além disso, a autora cria, assim como outros romances da Geração de 30, tipos humanos com traços sociais e psicológicos que traziam os principais aspectos da jovem nação brasileira.

Por fim, é preciso salientar que a autora recebeu seus louros por suas crônicas, peças de teatro e outros romances e que, para servir de exemplo a inúmeras outras mulheres escritoras, foi a primeira mulher a ocupar cadeira na Academia Brasileira de Letras, tanto pelo seu talento quanto por inserir personagens femininas numa discussão político-social e retirá-las dos salões em que se discutiam romances “água com açúcar”. Maria Alice Barroso, em *A mulher na literatura brasileira*, aponta que:

É com Rachel de Queiroz na prosa de ficção, que a fala da mulher ingressou no campo social, abandonando os salões de chá para narrar a áspera tragédia da seca nordestina. A partir de O quinze, pode-se dizer que a literatura feminina no Brasil resguardou-se das amenidades, focalizando, de maneira aguda e humanizada, indivíduos, clima e civilização, personagens de caráter, situadas num meio adequado e realizando uma ação conseqüente. Eis como se pode definir o romance de Rachel de Queiroz, que constitui um “turning point” no contexto da literatura brasileira. (BARROSO, 2008, p. 46)

Vê-se, portanto, que a relevância de Raquel de Queiroz se dá para muito além da narrativa da maior seca já registrada no nordeste brasileiro, mas também pela inserção de personagens femininas destemidas, independentes e protagonistas e própria atuação política e literária da autora.

4. CECÍLIA MEIRELES

A carioca Cecília Meireles, ao lado de Clarice Lispector, talvez seja a autora que mais tenha páginas nos manuais da história da Literatura Brasileira. Meireles é considerada parte do cânone do modernismo devido às questões líricas, a sua forma de escrita e também às temáticas, que envolviam, principalmente, a efemeridade das coisas.

Sua trajetória na literatura brasileira coincide com o nascimento do modernismo no país. Seu lirismo é, sem dúvida, virtuoso, apontou John Nist (1963), no texto “The Poetry of Cecília Meireles”. *Espectros* foi sua primeira publicação, ainda na juventude, com 18 anos. “Cecília Meireles inaugurou sua carreira na literatura em 1919 com o livro *Espectros* e

aproximou-se do grupo de escritores brasileiros que tentavam conciliar a herança simbolista ao espírito da modernidade.” (PRADO, 2011, p. 5).

Tudo isso, envolto de um cuidado na escrita, marca a obra cecilianiana. Outro fator importante, também, está no cuidado na escolha lexical e no modo como Cecília intercala sons rítmicos, conferindo a seus poemas musicalidade, tornando a escrita da autora de uma maestria ímpar. É perceptível, por exemplo, em “Primeiro motivo da rosa”, como a formalidade cria uma intersecção com o conteúdo, promovendo uma reflexão sobre estética e tema.

Vejo-te em seda e nácar,
e tão de orvalho trêmula,
que penso ver, efêmera,
toda a Beleza em lágrimas
por ser bela e ser frágil.

Meus olhos te ofereço:
espelho para a face
que terás, no meu verso,
quando, depois que passes,
jamais ninguém te esqueça.
Então, de seda e nácar,
toda de orvalho trêmula,
serás eterna. E efêmero
o rosto meu, nas lágrimas
do teu orvalho... E frágil.
(MEIRELES, 2001a, p.232)

Nota-se, neste poema, que além da estrutura formal, que envolve não apenas a metrificacão, como também a sonoridade e escolha vocabular, tem-se a reflexão de como a beleza é frágil, passageira, isto é, como as coisas se esvaem facilmente. Tanto a rosa quanto o eu-lírico são frágeis, como se pode verificar em “rosto meu”. Tem-se, assim, a percepção de uma inquietude que atinge também aquela que versa.

Cecília traz a angústia como parte da vivência humana e constrói uma reflexão sobre a vida questionando quem é esse ser humano para si mesmo. Pode-se perceber tal fato em “Motivo”:

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.
(MEIRELES, 2001b, p. 227)

Neste poema, compreende-se como o eu-lírico concebe o caráter de criação artística, no caso, literária. Observa-se, assim, que:

Essa funda identificação entre o seu canto e a sua vida confirmam a alta temperatura criadora da poesia cecilianiana, na medida em que (conforme J. Pfeiffer, nos anos 50), a grande virtude da verdadeira poesia é a de revelar o ser da existência, não como algo pensado e concluído, mas como algo vivenciado. É essa a imediata sensação que nos transmite sua poesia, plena de significados ocultos e de intensa vibração existencial. (COELHO, 2001, p. 16)

Ainda, pode-se pensar em como a autora, em sua obra, rompe um silêncio desse “eu”, trazendo, a este, a existência em diversas formas de existir, isto é, sua presentificação nas reflexões sobre a simbologia do que é viver. Tal aspecto faz do ato de escrever a personificação de uma figura evocada pela autora para criar o insólito (não o de Todorov, mas aquilo que, até então, não era comum para a literatura, muito menos para a literatura de escrita feminina).

Contudo, apesar de todos esses aspectos que fazem de Cecília um expoente da lírica brasileira, ela está presente de modo mais frequente nos manuais didáticos, pela sua coletânea em *Romanceiro da Inconfidência*, de 1953 (1989), e em algumas *Crônicas para jovens*, livro organizado pela editora Global (2012). Esse “esquecimento” da autora, inclusive pelos professores e pelas professoras de Literatura, ocorre, pois, os estudos de lírica “não são importantes” e “poesia não serve para nada” – como pairam no ar as falas recorrentes. Cecília, neste ponto, ainda está nos livros didáticos, diferente de Cora Coralina, que tão tarde chegou e, ao que tudo indica, ainda não se fará presente como Meireles.

5. CLARICE LISPECTOR

Entre as escritoras de literatura brasileira com maior destaque nacional, sem dúvidas, está Clarice Lispector. Apesar de sua nacionalidade ucraniana e de ter vivido fora do Brasil por cerca de 15 anos, a autora sempre se considerou pernambucana, uma brasileira. Em uma reportagem publicada pela BBC, sobre a vida de Lispector, a jornalista Laís Modelli relata:

Apesar de ser ucraniana e de ter morado 15 anos da vida adulta no exterior por ter sido casada com um diplomata, Clarice se considerava pernambucana. Seu nome de batismo era Haia Pinkhasovna Lispector, mas adotou somente Clarice Lispector e se naturalizou brasileira. Um olhar “estrangeiro”, contudo, tem sido a principal característica usada para descrever sua obra. (MODELLI, 2018)

Essa vivência e identidade claricianas são importantes para a sua escrita. A essência dos enredos e conflitos existe na obra, coexis-

tindo com uma realidade que urgia mudanças. São posicionamentos e questões que Clarice, em sua delicadeza de absorver a essência humana e suas angústias internas, evidencia, colocando em destaque o ser humano frente às questões sociais. “Percebo que a obra de Clarice foi se construindo a partir de interrogações fundamentais, tão vastas e profundas que poderiam levá-la a uma desagregação no meio de tantas interrogações.” (VEADO, 2013, p. 66). Por isso, ao dizer que não é apenas brasileira, mas pernambucana, ela se posiciona e, ao fazer isso, cria identidade, uma identidade que transpassa as angústias de uma mulher, mas conhece a fundo o “ser mulher brasileira”.

Trata-se de uma compreensão do feminino e sua essência frente a um contexto social e cultural cristalizado pelo machismo e pela subvalorização da mulher. Sua obra e sua presença na história da literatura brasileira revelam a força de Clarice e de sua narrativa. Nessa consoante, tem-se que “eu”, subjetivo e com voz ativa, emerge e se destaca na obra de Lispector que, do suscinto à crítica social dos valores, cria narrativas que esfacelam – a seu modo – um contexto imbuído de hipocrisia e preconceitos, principalmente no que se refere aos valores patriarcais. “A autora vai conduzindo sua obra ao vazio, como se fosse se despojando de si mesma, se tornando quase nada, quase um sopro. Essa forma de escrita nos mostra uma particular subjetivação que chamaríamos de feminino.” (VEADO, 2013, p. 68).

Toda essa conjectura – do “eu” e do feminino – pode ser percebida em suas obras, desde seus romances aos seus contos. Na coletânea *Laços de Família* (1960), no conto “Amor”, por exemplo, a reflexão da existência e dos conflitos internos provocam em Ana a percepção não apenas de quem ela é, como também de como ela é.

Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver. (LISPECTOR, 1998b, p. 14-15)

A percepção de si encanta e assusta Ana, que, ao se ver rodeada por coisas nada novas, mas que agora percebia como novas, muda sua percepção, mas não rompe sua vida.

Esse momento de revelação ameaça romper sua vida normal e atarefada de dona de casa pequeno-burguesa. O caráter trágico do conto revela-se no momento em que, embora tenha tido a iluminação, ela retorna para casa, a fim de fazer o jantar para as visitas, sem apresentar modificação alguma. Ou seja, o apelo de sua vida pautada por valores pequeno-burgueses é mais poderoso que qualquer revelação possível. (ZINANI, 2017, p. 28)

Contudo, é o que não ocorre com Macabea, de *A hora da estrela* (1977). Alagoana, imigrante e sem perspectiva de vida, Macabea era alguém desimportante, tão desimportante que o próprio narrador da obra a concebe assim, alguém de quem não valeria a pena perder tantas linhas.

A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham. Voltando a mim: o que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes. Pois o que estarei dizendo será apenas nu. (LISPECTOR, 1998a, p. 25).

Nessa perspectiva, a visão do homem sobre a mulher prevalece e a insignificância da personagem entra em destaque. Sua forma de ver o mundo, suas (não) ambições e seu modo desinteressante de ser são pontos comparativos para as demais personagens: Olímpico, Glória e para o próprio narrador.

Essas duas narrativas são exemplos de como a literariedade está presente na obra clariciana, mas que, dentro da perspectiva da história da literatura no país, parece não ter tanto espaço como ocorre com a escrita masculina. Apesar de ser estudada, Clarice não ganha tanto destaque como a prosa de João Guimarães Rosa, seja pelo icônico *Grande Sertão: veredas*, ou ainda por sua constística.

Ao lado de Rachel de Queiroz, Cecília Meireles e – talvez – Cora Coralina, Clarice ocupa poucas páginas dos manuais didáticos para formação de alunos da educação básica. No ensino superior, com exceção das cadeiras voltadas para a escrita feminina nos cursos de Letras e afins, essas autoras sequer são lembradas.

Clarice é ícone da introspecção, da compreensão do “eu” e das percepções críticas de uma sociedade patriarcal e pautada nos princípios

burgueses, mas fulgura a história da Literatura Brasileira como uma mulher que deve ser lembrada por trazer as dores de ser mulher, apenas.

O que se compreende, portanto, é que Clarice, ao lado de Cecília, são as duas autoras que ganharam destaque, mas não necessariamente a notoriedade a qual mereciam. Estão presentes nos livros didáticos, mas sem suas essências. Textos sem almas, compilados e decupados à mercê de uma história da literatura ainda machista e de caráter burguês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da literatura escrita por mulheres no Brasil passou por um processo de apagamento responsável por subvalorizar grandes autoras. Esse apagamento teve como consequência o pior tratamento possível dado a essas autoras: a indiferença. Fingir que essas autoras não são tão importantes e passar por suas obras de modo indiferente é o mesmo que silenciá-las e que apagar seus nomes da história do país. “A literatura, como formação humana, cumpre seu papel quando se é lida e não quando exclui obras ou autores pelo estabelecimento do que seja cultura maior ou menor.” (DERING, MARTINS, SILVA, 2019, p. 303)

Deste modo, as obras literárias, principalmente as que foram produzidas dentro do projeto modernista, são importantes pilares para a formação da identidade brasileira. Por assim ser, dar às escritoras o mesmo valor e a mesma visibilidade dos escritores é também uma forma de contribuir para a formação de uma nação mais justa e igualitária.

Há muitas autoras no Brasil e é preciso lê-las, pois cada uma traz importantes contribuições tanto pelas suas obras quanto pelas suas histórias de vida. Cora Coralina e Raquel de Queiroz colocaram em suas obras personagens e figuras marginalizadas pela sociedade, mas os pobres, os bêbados, as prostitutas e as mulheres que decidiram não se casar mostram aos brasileiros um Brasil esquecido e relegado à miséria da existência e à indiferença. Cecília Meireles e Clarice Lispector, por sua vez, caminham rumo ao questionamento sobre o eu diante à vida. Enquanto Clarice questiona também sobre questões sociais, Cecília compreende o eu dentro de seus anseios, colocando em destaque a efe-

meridade da vida. Em ambas, ainda que por perspectivas diferentes, a angústia é colocada como elemento constitutivo da vida.

É preciso fazer entender que a mulher escritora – e aqui a redundância faz-se necessária – não é louca, bruxa ou má por escrever ou que sua escrita é sempre mais um exemplar de romance “água com açúcar”. Ser mulher e propor-se a escrever é, antes de tudo, um movimento de luta contra a corrente do patriarcado, que tanto oprimiu e ainda oprime. Ler as autoras brasileiras é contribuir para a formação de leitores cada vez mais conscientes da necessidade de igualdade entre os gêneros. Além disso, é também consolidar uma história da literatura nacional que considere as autoras para muito além de uma nota de rodapé nos livros didáticos ou nos manuais de literatura. Por fim, ler mulheres escritoras – como Cora, Raquel, Cecília e Clarice e tantas outras – é o mesmo que conhecer o Brasil sob novos olhares.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário. **Aspectos da literatura brasileira**. 5 ed. São Paulo: Martins, 1974.
- BARROSO, Maria Alice. **A mulher na literatura brasileira**. In. Seminário de Literatura Brasileira – ensaios. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.
- COELHO, Nelly Novaes. Cecília Meireles: vida e obra. **Revistado CESP**. v.21, n. 28129-jan.-dez.2001. Disponível em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/viewFile/7870/6830> > Acesso em: 11 jan 2020.
- CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás**. São Paulo: Global, 1983.
- DERING, Renato de Oliveira; MARTINS, Pauliany Carla; SILVA, Leandro Alves da. “A formação do sujeito-leitor pela experiência do ato de ler: breves considerações”. In. Schütz, Jenerton Alan et al. **Pesquisas e escritas em educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.
- LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001a.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas para jovens**. São Paulo: Global, 2012.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

MODELLI, Laís. “Clarice Lispector: mais de 40 anos após morte, escritora desperta mais questões do que quando viva”. **BBC News – Brasil**. 10/12/2019. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42313869> > Acesso em: 12 jan 2020.

NIST, John. The Poetry of Cecília Meireles. **Journal Hispania**. v. 45, 1963, pp. 252-258. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/336987> > Acesso em 15 jan 2020.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

PRADO, Erion Marcos do. **Os rastros da viagem à Índia na poética de Cecília Meireles**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/26363/Os%20rastros%20da%20viagem%20a%20India%20na%20poetica%20de%20Cecilia%20Meireles.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso em: 10 jan 2020.

SILVA, Thaís Fernanda da. **Veleidades histórico-culturais em Dôra Doralina (1975): representação feminina na literatura de Rachel de Queiroz**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Viçosa. Disponível em: < <https://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4864/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso em: 12 jan 2020.

VEADO, Yáskara Sotero Natividade. Um sopro de vida, uma escrita feminina. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 35, n. 66, p. 65-69, dez. 2013. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952013000200010&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 12 jan 2020.

TELLES, Norma. Autor+a. In.: JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da crítica**. Tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1992.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. O aspecto social da ficção de Clarice Lispector: uma perspectiva de abordagem. **Antares**, v. 9, nº 18, jul/dez 2017. Disponível em: < <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/5892> > Acesso em: 08 jan 2020.